

Lendo, refletindo e dialogando: mudanças ocorridas na configuração dos livros didáticos de Português a partir da década de 1960

Joceli Cargnelutti¹(UFSM)

Graziela Lucci de Angelo²(UFSM)

Resumo:

Diante do interesse em buscar outras informações sobre a história do ensino da disciplina curricular Língua Portuguesa procuro trazer elementos adicionais voltados ao ensino de língua materna, com o intuito de ampliar os estudos sobre a constituição da disciplina curricular Língua Portuguesa. Nesse percurso investigativo estabeleço um diálogo com diferentes textos acadêmicos publicados a partir dos anos 1960, voltados a essa temática, advindos das várias áreas do conhecimento, com destaque à área dos estudos linguísticos. Focalizo textos que referenciam as mudanças ocorridas na configuração dos livros didáticos a partir da década de 1960. Além disso, procuro investigar em que medida as alterações que foram ocorrendo no aspecto gráfico (cores, capa, imagens, formato, dentre outros) se relacionam ou não com as mudanças previstas para o ensino de língua portuguesa, em termos de uma nova concepção de linguagem, de língua e de ensino de língua.

Palavras-chave: livros didáticos, Língua Portuguesa, configuração gráfica

Abstract:

Given the interest in seeking other information about the history of Portuguese Language Teaching, I propose to bring additional elements designated to first language teaching, with the purpose to expand the studies about the constitution of Portuguese Language Discipline. In this investigative route, I establish a dialogue with different academic papers that have been published since 1960th, about this theme, coming from various areas of knowledge, particularly in the area of Linguistics. I focus on texts that refer to changes in the configuration of textbooks from 1960th. Besides, I intend to investigate to what extent the changes that were occurring in the graphic aspect (color, cover, images, format, among others) are related or not to the expected changes to the teaching of Portuguese language, in terms of a new conception of speech, language and language teaching.

Keywords: Textbooks, Portuguese Language, Graphic form

Para começar

Para conhecer o passado do ensino de uma disciplina, neste caso, de Língua Portuguesa, há várias vias de acesso, seja, por exemplo, através de

publicações acadêmicas de linguistas³, currículos escolares, documentação oficial⁴, cadernos de alunos, relato de professores⁵, diários de classe, dentre outras fontes que possibilitam refletir e discutir sobre essa constituição. Neste trabalho, volto-me ao passado do ensino da disciplina Língua Portuguesa, e para me aproximar dessa história, opto como via de acesso o livro didático de Língua Portuguesa, olhando especificamente para a configuração gráfica desse material.

Nesse percurso investigativo estabeleço um diálogo com diferentes textos acadêmicos publicados em diferentes períodos, voltados a essa temática, advindos das várias áreas do conhecimento como, por exemplo, História, Geografia, Design, dentre outras, com destaque à área dos estudos linguísticos. Focalizo, no trabalho, textos que referenciam as mudanças ocorridas na configuração dos livros didáticos a partir da década de 1960, pois a partir desse período é possível verificar diferentes mudanças em suas características, como o uso de formatos maiores, generalização da impressão em cores a partir da renovação do maquinário gráfico, emprego de novas formas tipográficas com a introdução da fotocomposição, substituição da capa dura pelo acabamento brochura, conforme Moraes (2008).

Não é intenção realizar uma análise detalhada das alterações ocorridas nos livros didáticos a partir dos anos 1960. Meu interesse é lançar um olhar que articule as várias produções, procurando pontos de convergência sobre a constituição desse objeto utilizado no ensino da língua portuguesa; um olhar diferente, que o investigue, descreva e compreenda e que se lance do lugar de uma história e de uma sociologia do ensino, que busque uma perspectiva sócio-histórica do livro didático (SOARES, 1996).

Nesta mesma direção, com o intuito de trazer elementos que pudessem auxiliar na leitura dos diferentes textos, apoio-me em Bakhtin, em seu texto *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas* (1974/2000, p. 402), onde o autor destaca que ler textos é estar no campo da compreensão, sendo esta dialogicamente ativa. Esta visão se coloca em função de Bakhtin entender que o

fazer científico nas ciências humanas se materializa por gestos interpretativos, por contínua atribuição de sentidos e não por gestos matematizados.

Bakhtin entende as “ciências humanas – ciências que tratam do espírito” (p. 404) como *ciências do texto* por se constituir como uma forma de saber dialógico em que o intelecto está diante de textos que não são coisas mudas, mas a expressão de, pelo menos, dois sujeitos: o que analisa e o analisado. Dessa forma “o texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo” (p. 404). Para Bakhtin, esse diálogo é construído a partir de “etapas da progressão dialógica da compreensão: o ponto de partida – o texto dado, para trás – os textos passados, para frente – a presunção (e o início) do contexto futuro” (p. 404).

A partir dessa delimitação e com o intuito de articular o maior número de elementos relacionados à configuração gráfica dos livros didáticos de Língua Portuguesa, entrei em contato com vários textos acadêmicos publicados no Brasil, que, de certa forma, dialogam com meu trabalho na medida em que oferecem uma base para a pesquisa em questão.

Investigando alguns textos

Ao longo dos últimos anos vem sendo realizadas diferentes pesquisas sobre o livro didático, sobre os mais variados aspectos tais como o pedagógico, o político, o econômico e o cultural (Soares, 1996). A preocupação em pesquisá-lo leva em conta o fato de que o material didático tem uma grande importância na construção do saber escolar.

Lendo textos acadêmicos voltados ao interesse deste trabalho, observamos que o de Moraes (2008), trata da renovação visual do livro didático no Brasil a partir dos anos 1960. Já Bittencourt (2008) e Gatti Júnior (2004) são relevantes, por tratar de alguns pontos históricos relativos à configuração gráfica dos livros didáticos de outra área, História⁶ e Belmiro (2008), apresenta um

estudo sobre relações entre imagem e textos verbais em cartilhas de Alfabetização e livros de Literatura Infantil. Para tratar do livro didático de Língua Portuguesa no processo de configuração gráfica, os autores Belmiro (2000) e Nakamoto (2010) são de grande relevância.

Para uma tomada de conhecimento, trago, em linhas gerais, alguns pontos sobre a configuração gráfica dos livros didáticos levantados pelos autores nos diferentes trabalhos e que nos interessam para o desenvolvimento desta pesquisa.

A renovação visual do livro didático no Brasil

Sobre a renovação visual do livro didático no Brasil, trago o artigo de Mores (2008a) que, segundo o autor apresenta parte do trabalho de Ary Almeida Noronha⁷ para a Editora Ática, sobre a criação de capas para os livros didáticos escolares das décadas de 1970 a 1990. Até os anos 1960, a produção do livro didático no Brasil apresenta características de uma cultura própria, ligada por um lado à indústria tradicional do livro, com a linguagem de tipo vernacular, isto, é, criada e desenvolvida nesse meio, e por outro com a própria cultura escolar e suas demandas pedagógicas específicas do período.

Expõe o autor que, em pesquisas envolvendo aspectos materiais e visuais dos livros escolares produzidos nos anos de 1960 e 1970, foi possível verificar mudanças em suas características, como o uso de cores, alteração no formato, uso de imagens, enfim, transformações que relacionavam estreitamente num mesmo processo a expansão do ensino de massas no país ao crescimento e surgimento de editoras de obras destinadas a esse mercado e à renovação do parque gráfico nacional ocorrido naqueles anos.

Moraes percebeu uma inflexão na linguagem gráfica dos livros – menos no miolo e mais nas capas –, no sentido de aproximá-la da visualidade de outros produtos impressos, e identificar o momento, as causas e os agentes responsáveis por essas transformações. Segundo o estudioso, dentre as inovações editoriais, propostas por Noronha na Ática, está a objetividade na apresentação e a

comunicação mais direta e informal com o aluno, materializando-se numa relação entre texto e imagem e na presença de jogos e quadrinhos, até então inexistentes nos livros didáticos. Essas alterações, conforme Moraes, estavam em sintonia com as mudanças de comportamento ocorridas na sociedade brasileira e mundial naqueles anos.

No dizer de Moraes, Ary Noronha percebia que muitos livros dos anos 1970 tinham qualidade de texto na exposição dos conteúdos e na busca pelo envolvimento do leitor, mas isso não era acompanhado pela visualidade e principalmente não se expressava na capa. A seu ver (Noronha), as editoras consideravam que, como a escolha das obras era feita pelo professor, pensavam apenas critérios referentes ao conteúdo textual, o que as desobrigava de despesas com apresentação visual. Para Moraes, Noronha reconheceu nos livros da Ática uma tentativa de considerar os aspectos visuais e atingir também os alunos, pelo uso de quadrinhos e representações do universo juvenil, mas observou também que tanto o miolo como as capas eram antiquados no uso da tipografia e da imagem e distantes da visualidade que professor e estudantes encontravam em outros meios de comunicação.

Por fim, acrescenta ainda Moraes que, como era prática corrente nas editoras, a produção das capas se dava completamente independente da dos miolos. Com exceção de livros não didáticos e alguns poucos didáticos, em que realmente se verificava a existência de um design que construía o livro como um objeto único, a atuação de Ary se deu primordialmente na criação de capas, vistas pela editora como elemento suficiente para definir a escolha pelo público e o sucesso comercial de uma obra.

A configuração gráfica e as ilustrações nos livros didáticos de outras áreas

Bittencourt (2008) comenta que a recorrência às imagens foi uma prática usual no transcorrer do século XIX, obedecendo às argumentações de intelectuais sobre sua utilidade na formação do espírito infantil. No dizer da autora, as

imagens criavam uma maneira especial de leitura, sobretudo, na fase inicial de alfabetização, onde se mesclava com a oralidade, pois a apresentação de ilustrações favorecia, em princípio, o diálogo, suscitando comentários que deslizavam continuamente de escrito para o oral e do oral para o escrito. “E, desde o início das publicações de livros para as crianças, pode-se constatar que são ilustrados” (Bittencourt, 2008, p. 197).

Para Bittencourt até o final do século XIX os livros didáticos nacionais eram ilustrados em preto e branco, excetuando-se algumas obras publicadas no exterior cujas ilustrações apresentavam-se coloridas. No dizer da autora, dependendo dos conteúdos das disciplinas, as ilustrações tornaram-se uma necessidade, fazendo parte, em geral, como anexo ou nas partes finais da obra. Exemplos citados pela estudiosa são os livros de Física e Química e, em certa medida, os de Geografia, que traziam uma dificuldade complementar com a questão das representações espaciais, condição que tornava imprescindível a apresentação de mapas.

Bittencourt afirma que as ilustrações dos livros didáticos favoreciam, de acordo com as concepções de aprendizado, uma forma de o aluno ter contato com situações mais concretas não apenas para crianças, mas também para os jovens.

Bittencourt conclui afirmando que havia entre os autores, a preocupação com a veracidade da imagem apresentada, configurando-a como um documento capaz de provar a narrativa do autor. “A ilustração era reforço da concepção de História do autor” (Bittencourt, 2008, p. 202). Além disso, as melhorias técnicas das gráficas, ao lado do desenvolvimento de estudos pedagógicos, foram responsáveis pela disseminação das ilustrações nos livros didáticos.

Gatti Júnior (2004), investigando sobre a *Escrita escolar da História*, comenta que, a partir de 1970 a 1990, mudanças significativas se marcaram nos textos didáticos de História. Essas mudanças, no dizer do autor, foram percebidas, em um primeiro momento, por alterações de formato das coleções

didáticas (do 14x18cm ao 21x28cm), capa, projeto gráfico mais em acordo com as necessidades dos alunos no que diz respeito à linguagem, ilustrações e, sobretudo, à durabilidade dos livros e por uma modernização das coleções didático-pedagógicas e, em seguida, pela absorção de uma série de inovações temáticas, técnicas e novamente pedagógicas.

Belmiro (2008) ao tratar do projeto gráfico das Cartilhas de Alfabetização e dos livros de Literatura Infantil observa a forte presença do projeto gráfico como criador de um produto que, em muitas circunstâncias, pode superar sua função primordial, a produção de um objeto bonito e que contribua para o entendimento da leitura, facilitando a entrada do leitor, ou pelo texto ou pela imagem. Entretanto, a autora afirma que algumas obras privilegiam de tal forma a existência do projeto gráfico, que ele passa a competir com a elaboração discursiva do texto e com a plasticidade da imagem. Muitas críticas ao uso exagerado da imagem em livros de literatura que pretendem se dirigir à criança refletem, na verdade, a inadequação de um projeto gráfico que prevalece (ou não se harmoniza) à discursividade do texto e da ilustração (BELMIRO, 2008, p. 178).

Livros didáticos de Língua Portuguesa e a configuração gráfica

No estudo desenvolvido por Belmiro (2000), a autora pretende compreender o uso de imagens em livros didáticos de Português dos fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, em contrapartida aos anos 1990. Para a estudiosa, ao longo da história da inserção da imagem em diferentes instâncias do espaço escolar e materiais produzidos para esse espaço, o livro didático vem se destacando. As situações de uso das imagens são recorrentes, evidenciando alguns pontos de sua contextualização sócio-histórica, em meio a políticas educacionais: como indicador do processo de modernização por que vem passando; como meio de trazer para dentro da sala de aula linguagens renovadas que circulam no dia a dia dos indivíduos; como tradução didático-metodológica de um ponto de vista sobre as relações de ensino-aprendizagem da língua portuguesa e outras linguagens.

Segundo a visão da autora, o quadro que se configura nos fins dos anos 1960 e na década de 1970 é de mudança de paradigma, o que pode ser detectado, segundo a estudiosa, em vários aspectos da relação ensino-aprendizagem: o quadro passou a ser de giz (cor verde), não há o estrado em que se destaca a figura do professor e que enfatiza a relação de poder. É o período da Teoria da Comunicação no Ensino de Língua Portuguesa, um tempo em que o mundo ocidental se vê envolto por grandes mudanças de comportamento dos jovens. A televisão começa a transmitir em cores. Por outro lado, amplia-se o número de vagas nas escolas brasileiras, de acesso de crianças de camadas populares aos bancos escolares, com mudanças significativas da clientela que frequenta a escola.

A partir desse contexto, o livro também passa a sofrer alterações. Para Belmiro (2000), o livro didático abandona a limitação do preto e branco, isto é, a folha branca como espaço vazio para a chegada do texto em preto, e toma cor. Progressivamente, esse espaço será redimensionado segundo o uso poético dos poetas concretos, como veremos em anos seguintes. Mas não é assim rapidamente, e nem facilmente, que os manuais didáticos se transformam. Nos fins dos anos 60, é possível verificar, nos livros analisados, uma tendência tênue para a cor, talvez tímida, talvez insegura. Mas é presente e, o que constataremos depois, irreversível. Assim, podemos ver o tom terra, um pouco amarronzado, um pouco alaranjado, avermelhado, em algumas imagens, acompanhando o preto ou sendo por ele delimitado. Também surge a cor nas letras de subtítulos, no sublinhado das palavras, das frases, ou mesmo, num rasgo de intensidade, como uma mancha de fundo para destacar definições, conceitos, quadros sinópticos. Em outros momentos, são vistas numerações, também em marrom, que indicam a quantidade de linhas do texto (BELMIRO, 2000, p. 18).

De acordo com a autora até o início da década de 70, a visualidade dos manuais didáticos parece refletir a ambiguidade do convívio entre o existente e o novo. Observa a estudiosa que, às vezes, vê-se a capa do livro repleta de estímulos visuais, contrariamente ao seu interior, sob a égide da procura da

eficiência linguística. Afinal, questiona a autora, que caminho escolher (se é que é preciso escolher): a desistência da predominância da linguagem verbal, pela interferência da presença das imagens no convívio da página, ou o senso aguerrido de permanência de um saber constituído por uma cultura grafocêntrica?

Segue a autora expondo que, ao longo da década de 70, percebe-se todo o vigor dos anos rebeldes: cores, fotografias, desenhos, histórias em quadrinhos, e tantos outros instrumentos que possam contribuir para a absorção de teorias da comunicação que influenciam a produção do conhecimento linguístico e dos livros didáticos. Do mesmo modo, é como se as cores e formas rompessem o espaço em branco da folha para anunciar a existência de outros códigos de comunicação e novas formas de sociabilidade no interior da escola. É fundamental, porém, recorrer às seguintes perguntas para entender a nova rede de relações que se estabelece: Quem, na verdade, está anunciando essa “novidade”? Para quem? (BELMIRO, 2000, p. 19).

Dirigindo um olhar retrospectivo para essa época, a estudiosa propõe como reflexão a idéia de que já aí se instaura o cerne da tensão com a qual hoje convivemos, qual seja, que espaço de existência define o objeto livro? E, nesse caso, especialmente o livro didático? De acordo com Belmiro, Osman Lins já denunciava o uso abusivo das ilustrações nesses compêndios:

Sempre houve ilustrações nos livros didáticos. Em certas matérias (Geografia, Botânica e outras) chegam a ser indispensáveis. Tudo, porém, dentro de certa medida. Além disto, outras disciplinas, ao menos a partir de determinado nível, podem prescindir desse recurso; ou devem usá-lo com a máxima parcimônia. E nenhuma, creio, seria menos propícia à pletora de recursos visuais que, justamente, Comunicação e Expressão (LINS, 1976, p.134).

Conforme a autora, através do texto de Lins, é possível depreender uma crítica à falta de qualidade gráfica, a diversas inadequações de uso, ou, mesmo, ao modo de construção de leitor pretendido, essa afirmação de Lins denuncia

inquietação perante a ocupação de espaço, nos livros didáticos, das linguagens visuais. É como se fosse possível perder o lugar da letra, da língua, do texto, não acreditando na capacidade do aluno de se locomover na pluralidade de linguagens:

Que se pode esperar, mais tarde, da capacidade de leitura – e da compreensão do texto – de alunos tão mimados pela imagem? Alunos aos quais se ensina a língua com tão abundantes suportes visuais habituar-se-ão ao severo preto-e-branco dos textos? Serão, por sua vez, capazes de exprimir-se sem o auxílio da imagem, quando isto lhes for exigido? (LINS, 1976, p.137).

O que fica claro, no dizer de Belmiro, diante do receio ou pudor frente ao novo, o certo é que vários livros desse período usam cores fortes, desenhos, recortes de jornal, fotografias, num tal emaranhado de coisas a ver que se dificultam a clareza dos objetivos e a condução de estratégias de leitura para a construção do que, na época, se concebia como um leitor crítico, consciente e com domínio da linguagem em uso.

A partir dos anos 70, as ilustrações passam a conviver com os textos verbais de forma completamente diferente da usual até então. Muitas vezes substituem o texto, encurtam-no, revelam um modo de selecionar a realidade, de enquadrá-la, de dizê-la. E de induzir suas possibilidades interpretativas.

Em contrapartida, expõe a autora que, a partir dos anos 1990, há um refinamento no projeto gráfico dos livros didáticos, um leque enorme de materiais visuais, apresentando novidade em relação ao período anterior: maior seletividade no uso desses materiais. Para Belmiro, depois da poluição visual própria dos setenta, vivemos, hoje em dia, um momento de maior e melhor qualidade de coexistência entre linguagem verbal e não-verbal nos livros didáticos. Assim, de modo frequente nesse suporte, em muitos deles, os variados recursos já utilizados na década de 1970 – como fotografias, desenhos, reproduções de pinturas, tirinhas de quadrinhos, charges, propagandas etc. – são, em muitos casos, apresentados sem excesso. Vale, aqui, perguntar se nós é que

nos acostumamos com essa nova visualidade ou se a organização dos manuais mudou. O certo é que hoje não tem a mesma ressonância a inquietude de Osman Lins. E mais, entendemos que a autoria significa a ingerência de um grupo de realizadores, inclusive o ilustrador. Nesse sentido, podem ser postas algumas questões: cabe ao ilustrador apresentar ao aluno sua leitura do texto por meio de imagens? Essa leitura bloqueia a capacidade de interpretação do aluno? O professor está preparado para conviver com a multiplicidade de leituras de um texto? Até que ponto o “comentário” do ilustrador possibilita explicitar o caráter dialógico próprio do ato de leitura? (BELMIRO, 2000, p. 22).

A autora destaca que, o tópico aspectos visuais passou a ser considerado nos critérios de avaliação do livro didático propostos pelo MEC, para compor o conjunto de itens do Plano Nacional do Livro didático/1999. O reconhecimento de que a ilustração faz parte do conteúdo desses livros e que, por assim ser considerada, deve também ser avaliada. Segundo Belmiro, a imagem tratada como ilustração, tem a importância de ajudar na visualização agradável da página. Se há textos muito longos, diz Belmiro, ela serve para quebrar o ritmo cansativo da leitura. Além disso, ela pode sugerir leituras, apoiá-las do ponto de vista do enredo, construir formas, personagens, cenários, enfim, compor, junto com o texto verbal, um horizonte de leitura.

Por fim, conclui a autora que, em todos os diferentes usos e funções da ilustração nos livros didáticos, o eixo ilustração, texto-leitor, não se constitui de forma simples, nem caminha na mesma direção. Além disso, a suposição inicial de complementaridade nessa relação nem sempre é confirmada e, em muitos casos, a ilustração ultrapassa o texto, ou, mesmo, nada lhe acrescenta. Pior, continua como mero indicador de modernidade, sem lidar com as possibilidades de sensibilização para leituras de mundo.

Também na mesma perspectiva, coloca-se o trabalho de Nakamoto (2010) que busca verificar como o formato dos atuais livros didáticos de Língua Portuguesa podem influenciar na sua recepção pelos estudantes. Conforme o estudioso, as mudanças no design dos livros didáticos foram tímidas inicialmente.

Citando Bastos, Lemos e Busnello (2007), Nakamoto comenta que a utilização das imagens remonta ao século XVIII, quando Comenius recomenda o seu uso como recurso didático, fonte de conhecimento, considerando que era uma transformação revolucionária representar o mundo por imagens. Além disso, acrescenta o estudioso que, com o surgimento da litografia, no século XIX, contribuiu também para inserir a imagem no ambiente escolar, visto que essa técnica permitiu a impressão em cores de forma mais barata, tornando mais acessível.

Todavia, segundo o autor, a partir dos meados da década de 1960, o layout dos livros didáticos foi alterado de forma rápida, tornando-o uma disneylândia pedagógica (LINS, 1977), ou seja, um livro muito colorido, cheio de figuras e pouco texto escrito:

(...) estamos na era da imagem; o aluno, habituado à TV e às revistas em quadrinhos, resiste à página escrita, tendo dificuldade em captar mensagens verbais. Só isso explica o uso (ou melhor, o abuso) dos desenhos, isto é, as noções frequentemente elementares que através deles se procura transmitir (LINS, 1977, p. 134).

No dizer de Nakamoto, o livro didático atual é ainda mais vibrante que o daquela época: década de 1970. O atual formato, que é completamente repleto de cores, várias fontes, imagens, fotos, boxes, páginas coloridas, indicia, segundo o autor, que o leitor estudante deve encontrar as informações distribuídas pela página de forma natural, ou seja, o autor ou editor deve elaborar os seus elementos de acordo com o público alvo e seus aspectos socioculturais. Assim, no entender do estudioso, a leitura de uma imagem num texto não é universal nem ideal: cada um vai ter uma percepção diferente do que está vendo ou sentindo.

O autor sinaliza também para o uso das novas mídias digitais no campo educacional, ou seja, as novas tecnologias de comunicação e informação (NTCIs) em sala de aula. No entender do estudioso, apesar da introdução dessas novas tecnologias na escola, pelo menos na teoria, o livro didático não está fadado a desaparecer, pois o alcance destas ainda não atingiu a maioria da população,

principalmente a de baixa renda, que é maior parte dos alunos. No entanto, esclarece Nakamoto, o design atual do livro didático parece indicar que sofre grande influência das NTCIs, principalmente nas páginas da internet (hipertexto), despertando atenção pelo dinamismo gráfico e imagético, pela instantaneidade de acesso a informação e pelos acessos a outros documentos (também outros textos) que podem remeter a infinitos outros.

Para o autor, diferentemente da internet, o livro didático tem pouco espaço físico e seus textos semelhantes a hipertextos são poucos e com insuficiente quantidade de espaços para formar cadeias de conexões extensas, que podem dar múltiplas possibilidades de interpretação, pois dependem de diversos fatores como, por exemplo, conhecimento prévio, interesse no assunto, a maneira como o professor trabalha tal assunto etc.

Para finalizar

A leitura dos diferentes trabalhos permite considerar que os vários textos dialogam entre si pelo simples fato de centrarem-se em focos comuns: livros didáticos, configuração gráfica. A partir de um determinado período, década de 1960, cresce e diversifica-se extraordinariamente a produção de livros didáticos no Brasil devido a diferentes fenômenos, conforme Soares (1996).

O primeiro diz respeito à diminuição do tempo de permanência na escola de um determinado livro; segundo, a autoria dos livros didáticos desloca-se progressivamente de cientistas, intelectuais, professores catedráticos de universidade para professores do ensino elementar; terceiro, devido à expansão da rede de ensino e ampliação do alunado, acelerando o processo de industrialização do país; quarto, as mudanças em seu conteúdo e na sua didatização. Para Soares (1996), o desenvolvimento cada vez mais rápido dos conhecimentos conduz a frequentes e significativas alterações nos livros didáticos. A alteração desse conteúdo reflete a natureza dos conhecimentos em

cada momento disponíveis, as expectativas da sociedade em relação a esses conhecimentos para a formação das novas gerações.

A comercialização do livro didático ganhou tal importância comercial, que fez com que editores passassem a considerá-lo como a “carne” da produção de livros em contraposição às obras de literatura ou científicos, que corresponderiam aos “ossos” dessa produção, conforme Bittencourt (2008). A “carne” da produção livresca, segundo a autora, caracterizava-se por ter vida efêmera, situação que criava certas complicações para as editoras.

A alteração gráfica também foi extremamente relevante como tática de modernização e comercialização dos livros didáticos: alterações no tamanho, no formato, nas ilustrações, nas cores, propiciaram, sem dúvida, avanço tecnológico na produção de livros para atender as exigências apresentadas pelo mercado consumidor. Conforme Moraes (2008), o projeto gráfico das capas foi repensado para obter o interesse do professor e também do aluno para uma possível adoção. Embora, conforme Moraes, o desenvolvimento das primeiras capas tenha envolvido custos elevados, numa produção lenta e trabalhosa, que incluía modelagem em argila, confecção de peças de acrílico e madeira, pintura de telhas, aerografia, solda, etc., a venda de livros a partir de tal experiência foi expressiva, o que levou à consolidação de uma estrutura bastante complexa e cara e a uma autonomia e poder de decisão sobre os aspectos visuais bastante raros no meio editorial dos anos 1960 e 1970.

Além disso, cumpre ainda destacar que a partir de meados da década de 1960, a produção do livro didático de Língua Portuguesa foi significativa, apresentando grandes mudanças na formatação e no seu design. Com isso, a questão verbal, que era primordial anteriormente, preenchendo o todo das páginas do livro, foi sendo reduzida para dar espaço à imagem. Essa prática contínua deu origem ao design dos livros didáticos que vemos hoje nas mãos das crianças: repletos de imagens, coloridos, com fontes as mais variadas possíveis (NAKAMOTO, 2010).

Referências Bibliográficas

ANGELO, Graziela Lucci. **Revisitando o ensino tradicional de Língua Portuguesa**. 261 folhas. Tese (Doutorado em Ensino/Aprendizagem de Língua Materna). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1974/1997, p. 401-414.

BASTOS, Maria Helena Camar; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: Bencostta, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BELMIRO, Celia Bicalil. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 72, ago/2000, p. 11-31.

_____. **Um estudo sobre relações entre imagem e textos verbais em cartilhas de Alfabetização e livros de Literatura Infantil**. 285 folhas (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar: 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARGNELUTTI, Joceli. **A unidade didática como gênero do livro didático de Português: sua constituição nas décadas de 1960/1970/1980**. 2010. 101 folhas. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

FERNANDES, Adriana. **A constituição do ensino de Língua Portuguesa na trilha de documentos oficiais do Rio Grande do Sul: conhecimento e perspectivas**. Dissertação (Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo "Gramática"? São Paulo: Parábola, 2006.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do Português**. Coimbra: Almedina. Tradução: Rodolfo Ilari, 1973.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Palestra proferida na Semana da Prática Pedagógica, Universidade de Aveiro, CIFOP, 2003.

_____. Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas; de práticas a objetos. Texto apresentado na mesa-redonda "Gêneros discursivos e ensino, XIX Seminário do CELLIP, Unioeste, Cascavel, outubro de 2009.

ILARI, Rodolfo. **A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LINS, Osman. **Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus, 1977.

LOBATO, Lúcia. Teorias linguísticas e o ensino do português como língua materna. *Tempo Brasileiro*. v. 53/54, p. 05-47, abr./set., 1978.

MELO, G. C. de. Vícios do nosso ensino gramatical. In: Melo, G. C. de. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971, p. 285-290.

MORAES, Didier D. C. Dias de. **A renovação visual do livro didático no Brasil: o design de Ary de Noronha** na Editora Ática. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: SP, 2008, p. 140-150.

NAKAMOTO, Persio. **A configuração gráfica do livro didático: um espaço pleno de significações**. 114 folhas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PIETRI, Émerson. **O discurso da mudança do ensino de língua materna no processo de constituição da linguística brasileira**. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2003.

SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. In: **Presença Pedagógica**, v.2, n.12, Nov./dez. 1996, p. 52-64.

ZANDWAIS, Ana. **Linguagem e ensino: saberes linguísticos e literários dominantes em compêndios escolares**. *Organon*, v. 17, n. 35, p. 19-38, 2003.

¹ **Joceli CARGNELUTTI**, doutoranda em Estudos Linguísticos
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
jocelicargne@gmail.com

² **Graziela LUCCI DE ANGELO**, Dra.
Departamento de Letras Clássicas do Curso de Letras
Universidade Federal de Santa Maria(UFSM)
graziela.deangelo@gmail.com

³ Os textos de Lobato (1978), Genouvrier & Peytard (1973), Ilari (1989), Melo (1971), Franchi (2006), Gerali (2003, 2001), Zandwais (2003) são de grande relevância para conhecer o percurso desse ensino.

⁴ Trabalhos como de Fernandes (2011) e Pietri (2007) dão exemplos desse percurso.

⁵ Angelo (2005), em sua tese Revisitando o ensino tradicional de Língua Portuguesa, investiga que outros sentidos podem estar vinculados ao ensino tradicional de Língua Portuguesa, além da imagem construída pelo saber acadêmico. Para recuperar essa imagem, a autora analisa seis textos de linguistas, dois documentos oficiais voltados ao ensino de língua portuguesa publicados nos anos 70 e 80 e sete entrevistas realizadas com professoras dessa disciplina que trabalharam na cidade de Campinas (SP).

⁶ Destaco a importância de dialogar com textos de outras áreas de conhecimento que tratam sobre a configuração gráfica.

⁷ Ary Almeida Noronha, antes de iniciar seu trabalho na Editora Ática, trabalhou na Arte & Comunicação, empresa que reuniu a equipe da revista Realidade, demitida da Editora Abril. Na Editora Ática, Noronha trabalhou com vários projetos, dentre eles, os projetos dos livros didáticos.